



GT 67. Povos indígenas e abordagens transversais: etnologia, história e arqueologia

Coordenador(es):

Vicente Cretton Pereira (UFV - Universidade Federal de Viçosa)

Spensy Kmitta Pimentel (UFSB)

Sessão 1

Debatedor/a: Rafael Fernandes Mendes Júnior (BN)

Sessão 2

Debatedor/a: Fabíola Andréa Silva (USP - Universidade de São Paulo)

O objetivo deste GT é reunir pesquisadores cujos trabalhos explorem a transversalidade entre a antropologia, história e arqueologia relacionada aos povos ameríndios, a fim de iniciar uma discussão sobre novos paradigmas analíticos possíveis em função dos avanços registrados na pesquisa nas duas últimas décadas. Por exemplo, as relações entre os diversos povos indígenas amazônicos e seus padrões da borracha no século XIX, ou entre os grupos guarani e as missões jesuíticas e franciscanas entre os séculos XVI e XIX apontam para a relevância da história para o debate sobre as transformações pelas quais passaram esses e outros grupos ameríndios. A crítica etnográfica de fontes históricas tem trazido à tona dados preciosos acerca de muitos contextos americanos, permitindo reconstruir, ainda que parcialmente, determinadas realidades sociais – bem como repensar as realidades presentes vividas por esses indígenas. Além da antropologia e da história, trabalhos recentes em arqueologia têm contribuído decisivamente para uma maior compreensão de tais realidades, seja desvelando o caráter antropogênico da floresta amazônica por exemplo, ou ainda desenvolvendo uma perspectiva antineolítica para esta região, diferenciando as trajetórias dos povos ameríndios e as dos povos do velho mundo, permitindo vislumbrar traços do que seria uma História Antiga da América.

Sobre as (in)devidas misturas: notas sobre origem e história de um povo kichwa amazônico

Autoria: Marina Ghirotto Santos (USP)

Este é um exercício de pensar com o povo kichwa (ou quíchua) Sarayaku, localizado na Amazônia equatoriana, sobre alguns dos eventos considerados como estruturantes de sua história e origem. Os Sarayaku Runa integram o conjunto dos Canelos Runa, povos que estiveram desde muito cedo em contato com as missões religiosas ? além das pressões epidemiológicas e do tráfico de escravos. Em muitas pesquisas, são tratados como uma ?etnia neocolonial? formada a partir das reducciones de distintos povos pelas missões. Por essa razão, mas também por manterem um regime de territorialidade que oscila entre as purinas do rio Rotunu e as comunidades, e por falarem uma variante do quíchua andino, os kichwas das terras baixas foram por muito tempo tratados como amazônicos aculturados, incaizados, imigrantes dos andes ou andinos aculturados. À estes povos lhes foi negado um caráter ?propriamente amazônico?, ao mesmo tempo em que não chegavam a ser ?efetivamente andinos?; em suma, não eram povos de um genuíno interesse analítico ? um reflexo da divisão, nos estudos americanistas, entre as análises das sociedades de montanha e amazônicas. Após uma série de etnografias ? como as de N. e D. Whitten com os Canelos Runa; M. E. Reeve com os Curaray Runa; M. Uzendoski com os Napo Runa; Descola e Taylor com os Shuar e Achuar vizinhos (e em parte parentes) dos Canelos Runa, dentre outras ? esse paradigma foi, no interior da antropologia, transformado. O problema foi em parte abordado através da categoria de



etnogênese e de reflexões etnográficas sobre regimes de historicidade, complexos mitológicos, oníricos e xamânicos, agenciamentos envolvidos na produção da cerâmica, etc. que recobram a esses povos um lugar propriamente amazônico e dinâmico, abrangendo suas relações com/contra o Estado equatoriano e outros povos ? amazônicos e andinos. Na esteira desses e outros works, o que busco realizar é um exercício simultaneamente histórico (a partir dos relatos de missionários e de uma certa produção historiográfica) e etnográfico (a partir do que aprendi com meus interlocutores). Ao caminhar por diferentes regimes de tempo (o tempo do mito, o tempo das missões, as guerras e os personagens importantes dessa história, etc.) e pelo idioma da ?mistura? ? que, sugiro, propõe uma linha de fuga à etnogênese ? muito do que se assume como sendo ?aculturação? pode ser uma forma propriamente Runa de fazer e desfazer coletivos através de uma delicada diplomacia que institui as devidas aproximações e afastamentos. Se aprendi corretamente, a etnogênese e o ?problema? que ela buscou resolver dizem respeito aos nossos mundos, e não aos deles, uma vez que os Sarayaku Runa reafirmam que ?nós sempre fomos?, ao mesmo tempo em que, sendo orgulhosamente ?kichwas de Sarayaku?, são também misturados.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: